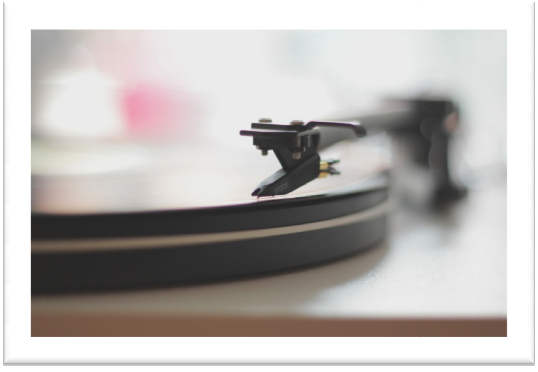


Caio Fernando Abreu feat. Angela Ro Ro: sobreviventes

Edição
Mariana Dutra

Títulos originais:
Caio Fernando Abreu. Os sobreviventes. *Morangos mofados* (1982)
Angela Ro Ro. *Angela Ro Ro* (1979)

Imagem da capa:
https://pixabay.com/pt/registo-jogador-disco-336626/

Conto “Os sobreviventes” extraído de:
ABREU, Caio F. *Morangos mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1985

Letras e imagem do disco de Angela Ro Ro extraídas de:
http://www.angelaroro.com.br

Edição:
Mariana Dutra

Belo Horizonte, inverno de 2017

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(Álvaro de Campos)

Sumário

Apresentação

“Os sobreviventes”, de Caio Fernando Abreu

Angela Ro Ro (1979)
- Cheirando a amor
- Gota de sangue
- Tola foi você
- Não há cabeça
- Amor, meu grande amor
- Me acalmo danando
- Agito e uso
- Mares da Espanha
- Minha mãezinha
- Balada da arrasada
- A mim e a mais ninguém
- Abre o coração

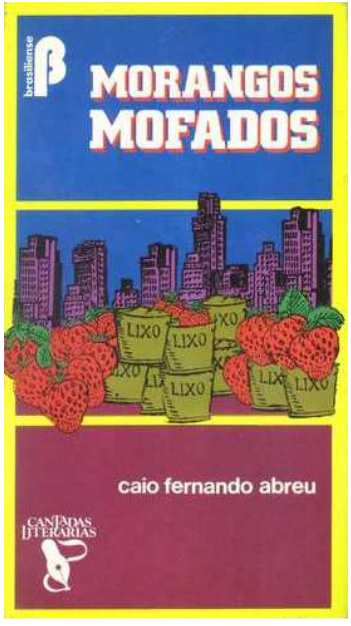
Apresentação

Em 1979, Angela Ro Ro lançou um disco com doze faixas de músicas próprias, todas elas marcadas pelo piano e por uma louca angústia. Três anos depois, Caio Fernando Abreu lançou o livro *Morangos mofados* e, num paratexto, orientou a leitura do conto “Os sobreviventes” ao som de Angela Ro Ro.

Essa indicação não é ao acaso. O disco de 79 está no conto, tocando na sala do apartamento, sendo manuseado e cantado pelos personagens. E a figura feminina, sem nome, é profundamente marcada por traços encontrados nas letras de Angela, como os impulsos, as oscilações, a loucura, a sensibilidade, a bebida.

Esta edição aproxima esses dois textos. O conto de Caio está em sua versão original, publicada em 1982, sem as alterações que o autor realizou em edição posterior. As letras de Angela, na sequência, deixam o conto reverberando depois do ponto final.

Capa da 1ª edição de *Morangos mofados*
Ilustração: Alex Vallauri
Diagramação: Jacob Levitinas



Os sobreviventes

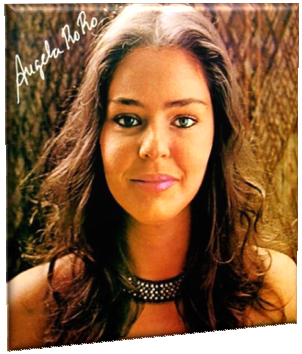
(Para ler ao som de Angela Ro-Ro)

Para Jane Araújo, a Magra

Sri Lamka, quem sabe? ela me diz, morena e ferina, e eu respondo por que não? mas inabalável continua: você pode pelo menos mandar cartões-postais de lá, para que as pessoas pensem nossa, como é que ele foi parar em Sri Lamka, que cara louco esse, hein, e morram de saudade, não é isso que te importa? uma certa saudade: em Sri Lamka, brincando de Rimbaud, que nem foi tão longe, para que todos lamentem ai como ele era bonzinho e nós não lhe demos a dose suficiente de atenção para que ficasse aqui entre nós, palmeiras e abacaxis. Sem parar, abana-se com a capa do disco de Angela enquanto fuma sem parar e bebe sem parar sua vodka nacional sem gelo nem limão. Quanto a mim, a voz rouca, fico por aqui comparecendo a atos públicos, entre uma e outra carreira, pixando muros contra usinas nucleares, em plena ressaca, um dia de monja, um dia de puta, um dia de Joplin, um dia de Tereza de Calcutá, um dia de merda enquanto seguro aquele maldito emprego de oito horas diárias para poder pagar essa poltrona de couro autêntico onde neste exato momento vossa reverendíssima assenta sua preciosa bunda e essa exótica mesinha de centro em junco indiano que apóia vossos fatigados pés descalços ao fim de mais uma semana de batalhas inúteis, fantasias escapistas, maus orgasmos e crediários atrasados. Mas tentamos tudo, eu digo, e ela diz que sim, claaaaaaaro, tentamos tudo, inclusive trepar, porque tantos livros emprestados, tantos filmes vistos juntos, tantos pontos de vista sócio político artístico filosófico existenciais e bababá em comum só podiam dar mesmo nisso: cama. Realmente tentamos, mas foi uma bosta. Que foi que aconteceu, que foi meu Deus que aconteceu, eu pensava depois acendendo um cigarro no outro, e não queria lembrar mas não me saía da cabeça o teu pau murcho e os bicos do meus seios que nem sequer ficaram duros, pela primeira vez na vida, você disse, e eu acreditei, pela primeira vez na vida, eu disse, mas não sei se você acreditou. Quero dizer que sim, que acreditei, mas ela não pára, tanta tesão mental espiritual moral existencial e nenhuma física, eu não queria aceitar que fosse isso: éramos diferentes, ai como éramos diferentes, éramos melhores, éramos mais, éramos superiores, éramos escolhidos, éramos vagamente sagrados, mas no final das contas os bicos dos meus peitos não endureceram e o teu pau não levantou, cultura demais mata o corpo da gente, cara, filmes demais, livros demais, palavras demais, só consegui te possuir me masturbando, tinha a biblioteca de Alexandria separando nossos corpos, enfiava fundo o dedo na buceta noite após noite pedindo mete fundo, coração, explode junto comigo, depois virava de bruços e chorava no travesseiro porque naquele tempo ainda tinha culpa nojo vergonha, mas agora tudo bem, o Relatório Hite liberou a punheta. Não que fosse amor de menos, você dizia depois, ao contrário, era amor demais, você acreditava mesmo nisso? naquele bar infecto onde costumávamos afogar nossas impotências em baldes de lirismo juvenil, imbecil, e eu disse não, o que acontece é que como bons-intelectuais-pequeno-burgueses o teu negócio é homem e o meu é mulher, podíamos até formar um casal incrível, tipo aquela amante de Virginia Woolf, como era mesmo? Vita, Vita Sackville-West e o veado do marido, não se erice, queridinho, não tenho nada contra veados, me passa a vodka, o quê? e eu lá tenho grana pra comprar wyborowas? não tenho nada contra lésbicas, não tenho nada contra decadentes em geral, não tenho nada contra qualquer coisa que soe a: uma

tentativa. Peço um cigarro e ela me atira o maço na cara, como quem joga um tijolo, ando angustiada demais, meu amigo, palavrinha antiga essa, angústia, duas décadas de convívio cotidiano, mas ando, ando, tenho uma coisa apertada aqui no meu peito, um sufoco, uma sede, um peso, não me venha com essas histórias de atraiçoamos-todos-os-nossos-ideais, nunca tive porra de ideal nenhum, só queria era salvar a minha, veja só que coisa mais individualista elitista, capitalista, só queria ser feliz, burra, gorda, alienada e completamente feliz, cara. Podia ter dado certo entre a gente, ou não, afinal você naquele tempo ainda não tinha se decidido a dar a bunda, nem eu a lamber buceta, ai que gracinha nossos livrinhos de Marx, depois Marcuse, depois Reich, depois Castañeda, depois Laing embaixo do braço, aqueles sonhos colonizados nas cabecinhas idiotas, bolsas na Sorbonne, chás com Simone e Jean-Paul nos 50, em Paris; 60 em Londres ouvindo *here comes the sun here comes the sun, little darling*; 70 em Nova Iorque dançando *disco-music* no Studio 54; 80 a gente aqui, mastigando essa coisa porca sem conseguir engolir nem cuspir fora nem esquecer esse gosto azedo na boca. Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise drogas acupuntura suicídio ioga dança natação cooper astrologia patins marxismo candomblé boate gay ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora o que faço? não é plágio do Pessoa, mas em cada canto do meu quarto tenho uma imagem de Buda, uma de mãe Oxum, outra de Jesuzinho, um poster de Freud, às vezes acendo vela, faço reza, queimo incenso, tomo banho de arruda, jogo sal grosso nos cantos, não te peço solução nenhuma, você vai curtir os seus nativos de Sri Lamka depois me manda um cartão-postal contando qualquer coisa como ontem à noite, à beira do rio, deve haver um rio por lá, um rio lodoso, cheio de juncos sombrios, mas ontem na beira do rio, sem planejar nada, de repente, por acaso, encontrei um rapaz de tez azeitonada e olhos oblíquos que. Hein? claro que deve haver alguma espécie de dignidade nisso tudo, a questão é onde, não nesta cidade escura, não neste planeta podre e pobre, dentro de mim? ora não me venhas com autoconhecimentos-redentores, já sei tudo de mim, tomei mais de cinqüenta ácidos, fiz seis anos de análise, já pirei de clínica, lembra? você me levava maçãs argentinas e fotonovelas italianas, Rossana Galli, Franco Andrei, Michela Roc, Sandro Moretti, eu te olhava entupida de mandrix e babava soluçando perdi minha alegria, anoiteci, roubaram minha esperança, enquanto você, solidário e positivo, apertava meu ombro com sua mão apesar de tudo viril repetindo reage, companheira, reage, a causa precisa dessa tua cabecinha privilegiada, teu potencial criativo, tua lucidez libertária, bababá bababá. As pessoas se transformavam em cadáveres decompostos à minha frente, minha pele era triste e suja, as noites não terminavam nunca, ninguém me tocava, mas eu reagi, despirei, e cadê a causa, cadê a luta, cadê o potencial criativo? Mato, não mato, atordôo minha sede com sapatinhos do Ferro's Bar ou encho a cara sozinha aos sábados esperando o telefone tocar, e nunca toca, ouvindo samba-canção e blues com caipira de vodka, neste apartamento que pago com o suor do potencial criativo da bunda que dou oito horas diárias para aquela multinacional fodida. Mas eu quero dizer, e ela me corta mansa, claro que você não tem culpa, coração, caímos exatamente na mesma ratoeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor deste ferro enfiado fundo na minha garganta seca, me passa o cigarro, não estou desesperada, não mais do que sempre estive, não estou bêbada nem louca, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída, não se preocupe, depois que você sair tomo banho frio, leite quente com mel de eucalipto e gin-seng, depois deito, depois durmo, depois acordo e passo uma semana a ban-chá e arroz integral, absolutamente santa, absolutamente pura, absolutamente limpa, depois tomo outro porre, cheiro cinco

gramas, bato o carro numa esquina ou ligo para o CVV às quatro da madrugada e alugo a cabeça dum panaca qualquer choramingando coisas do tipo preciso-tanto-de-uma-razão-para-viver-e-sei-que-esta-razão-só-está-dentro-de-mim-bababá-bababá, até o sol pintar atrás daqueles edifícios, não vou tomar nenhuma medida drástica, a não ser continuar, tem coisa mais destrutiva que insistir sem fé nenhuma? Passa devagar a tua mão na minha cabeça, no meu coração, eu tive tanto amor um dia, pára e pede, preciso tanto, tanto, bicho, não me permitiram, então estendo os dedos e ela fica subitamente pequenina apertada contra meu peito, perguntando se está mesmo muito feia e meio puta e muito velha e completamente bêbada, eu não tinha essas marcas em volta dos olhos, eu não tinha esses vincos em torno da boca, eu não tinha esse jeito de sapatão cansado, e eu repito que não, que está linda assim, desgrenhada e viva, ela pede que eu coloque uma música e escolho o *Noturno número dois em mi bemol* de Chopin, quero deixá-la assim, dormindo no escuro, sobre este sofá, ao lado das papoulas quase murchas, embalada pelo piano remoto como uma canção de ninar, mas ela se contrai violenta e pede que eu ponha Angela outra vez, então viro o disco, amor meu grande amor, caminhamos tontos até o banheiro onde sustento sua cabeça sobre a privada para que vomite, e sem querer vomito junto, ao mesmo tempo, os dois abraçados, bocas amargas, fragmentos azedos sobre as línguas, ela puxa a descarga e vai me empurrando para a porta, pedindo que me vá, e me expulsa para o corredor dizendo não esqueça então de mandar um cartão de Sri Lamka, aquele rio lodoso, aquela tez azeitonada, que aconteça alguma coisa bem bonita para você, te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o quê, como aquela fé que a gente teve um dia, me deseja também uma coisa bem bonita, uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em todos de novo, que leve para longe da minha boca esse gosto podre de fracasso, de derrota sem nobreza, não tem jeito, companheiro, nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum, ninguém dá mais carona e a noite já vem chegando. A chave gira na porta. Preciso me apoiar contra a parede para não cair. Atrás da madeira, misturada ao piano e à voz rouca de Angela, nem que eu rastejasse até o Leblon, consigo ouvi-la repetindo que tudo vai bem, tudo continua bem, tudo muito bem, tudo bem. *Axé, axé, axé!* eu digo e insisto, até o elevador chegar. *Axé, odara!*



Cheirando a amor
Angela Ro Ro

Já pus de lado o tormento
De um mundo atento a não perdoar
Amantes sem fingimentos
Delirantes formas de amar

Quero cheirar a amor
Quero exalar suor
Pro dia que você for
Ficar com seu melhor

Amor apertado, sou sua
Trancada com medo da rua
Se isso é pecado me puna
A culpa de amar livre e nua

Que preconceito barato
Que o cão caça o gato
Me morde e me desafia
Só meu olhar lhe arrepia

Gota de sangue
Angela Ro Ro

Não tire da minha mão esse copo
Não pense em mim quando eu calo de dor
Olha meus olhos repletos de ânsia e de amor

Não se perturbe nem fique à vontade
Tira do corpo essa roupa e maldade
Venha de manso ouvir o que eu tenho a contar

Não é muito nem pouco eu diria
Não é pra rir mas nem sério seria
É só uma gota de sangue em forma verbal

Deixa eu sentir muito além do ciúme
Deixa eu beber teu perfume, embriagar...
A razão, porque não volto atrás?
Quero você mais e mais que um dia...

Não tire da minha boca esse beijo
Nunca confunda carinho e desejo
Beba comigo a gota de sangue final
Beba comigo a gota de sangue final

Tola foi você
Angela Ro Ro

Tola foi você ao me abandonar
Desprezando tanto amor que eu tinha a dar
Agora veja bem, o mal é vai e vem, só esperar

E se eu mudei devo à você
Todo desamor que a vida me ensinou
Coração aberto, felicidade perto, sou toda amor

Agradeço tanto, agradeço por você
Não ser do jeito que eu sou
Agradeço tanto, agradeço por você
Não ter me dado o seu amor

Não há cabeça
Angela Ro Ro

Não há cabeça que o coração não mande
Não há amor que o ódio não desande
Não há rancor que o perdão não esqueça
Nem humor que nunca se aborreça

Não há bebida que beba a saudade
Nem maldade que vença a maldade
Não há princípio que resista ao fim
Nem temor ou medo que resida em mim

Eu fui, eu vou te amar vivendo
Eu fui, eu vim do desamor morrendo
E essa tristeza que o amor me deu
É a coisa mais bonita dentro do meu eu

Que bom, que bom que nunca vai haver talvez
Pra quem tudo na vida sentiu, disse e fez
Prefiro ficar só com a minha ilusão
Que matar a esperança de amar no meu coração

Amor, meu grande amor
Ana Terra, Angela Ro Ro

Amor, meu grande amor
Não chegue na hora marcada
Assim como as canções
Como as paixões e as palavras

Me veja nos seus olhos
Na minha cara lavada
Me venha sem saber
Se sou fogo ou se sou água

Amor, meu grande amor
Me chegue assim bem de repente
Sem nome ou sobrenome
Sem sentir o que não sente

Que tudo que ofereço
É meu calor, meu endereço
A vida do teu filho
Desde o fim até o começo

Amor, meu grande amor
Só dure o tempo que mereça
E quando me quiser
Que seja de qualquer maneira

Enquanto me tiver
Que eu seja a última e a primeira
E quando eu te encontrar
Meu grande amor, me reconheça

Que tudo que ofereço
É meu calor, meu endereço
A vida do teu filho
Desde o fim até o começo

Me acalmo danando
Angela Ro Ro

Eu é que fico a dizer e você não diz nada
Eu é que fico a sorrir e a fazer palhaçada
Como é triste beijar sem ser beijada
Como é duro amar sem ser amada

Meu tormento não passa e você adiando
É o mar que me traga, é o barco afundando
É a ilha deserta que eu chego atracando
Ilusão e quimera de alguém se salvando

Eu que suporto e reclamo, lhe afasto e me chamo
Eu a saída da entrada por baixo do pano
Ser o excesso de brilho acaba ofuscando
Mas ser o início da era acaba matando

Sua presença destrói todos meus desenganos
Minha ausência causou-lhe uma série de danos
Tento provar o contrário e adormeço errando
Amo somente um vazio e me acalmo danando
Amo somente um vazio e me acalmo danando

Agito e uso
Angela Ro Ro

Sou uma moça sem recato
Desacato a autoridade e me dou mal
Sou o que resta da cidade
Respirando liberdade por igual

Viro, reviro, quebro e tusso
Apronto até ficar bem russo
Viro, reviro, quebro e tusso
Apronto até ficar bem russo

Meu medo é minha coragem
De viver além da margem e não parar
De dar bandeira a vida inteira
Segurando meu cabresto sem frear

Por dentro eu penso em quase tudo
Será que mudo ou não mudo
Por dentro eu penso em quase tudo
Será que mudo ou não mudo

O mundo, bola tão pequena
Que me dá pena mais um filho eu esperar
E o jeito que eu conduzo a vida
Não é tido como forma popular

Mesmo sabendo que é abuso
Antes de ir, agito e uso
Mesmo sabendo que é abuso
Antes de ir, agito e uso

Mares da Espanha
Angela Ro Ro

Nem que eu caminhasse às três da manhã
Nem que eu me enganasse prá ver o que é bom
Nem que eu caminhasse até o Leblon, não iria encontrar
Você navegando os mares da Espanha
Tecendo prá outra seu corpo com manhã
Você navegando o vazio da Espanha e eu no Leblon

Loucura é loucura, não me compreenda
Loucura é loucura, pior é a emenda
Loucura é loucura, não me repreenda
Eu amei demais!

Você quando acorda tem gente do lado
Mas eu quando durmo é um sono abafado
De uísque e vergonha por nunca encontrar você
Ainda insiste na experiência
Pensando que o amor é como a ciência
Amantes diversas não vão trazer nada a mais

Loucura é loucura, não me compreenda
Loucura é loucura, pior é a emenda
Loucura é loucura, não me repreenda
Eu amei demais!

Nem que eu caminhasse de volta prá casa
Deixando as mentiras e os sonhos prá trás
Tentando viver o real de um amor que se deu demais
Nem que eu caminhasse às seis da manhã
Nem que eu me cegasse prá ver o que é bom
Nem que eu rastejasse até o Leblon, não iria encontrar

Loucura é loucura, não me compreenda
Loucura é loucura, pior é a emenda
Loucura é loucura, não me repreenda
Eu amei demais!
Eu amei demais!

Minha mãezinha
Angela Ro Ro

Sua voz...
Tão difícil de calar, não me diz mais nada
Já não carrega mais
O doce mel da abelha rainha
Me deixe em paz, minha mãezinha

Seus olhos...
Tão abertos quanto a sua boca já não vêem mais
Que eu não tenho emenda nem vim de encomenda
A vida que eu levo é só minha
Me deixe ser, minha mãezinha

Suas mãos...
Que deviam ser carinho como o coração
Hoje são cerradas e lacradas, mamaê, mamaê
Como um cofre de um banco qualquer
Você antes de mãe é uma mulher

Caminho...
Só eu sei do meu caminho e o quanto eu caminhei
O que aprendi, o que errei, mamaê, mamaê
Só eu canto a dor que é minha
Me deixe só, minha mãezinha

Não me mime, não me mime
Não me mime, mamãe, não me mime mais
Não me mime, não me mime
Não me mime, mamãe...

Balada da arrasada
Angela Ro Ro

Entregou-se sem um zelo ao apelo de sorrir
Ofertou-se inteira e dócil a um fácil seduzir
Sem saber que o destino diz verdades ao mentir
Doce ilusão do amor...
Doce ilusão...

Arrasada, acabada, maltratada, torturada
Desprezada, liquidada, sem estrada pra fugir
Tenho pena da pequena que no amor foi se iludir
Tadinha dela...
Tadinha dela...

Hoje vive biritada sem ter nem onde cair
Do Acapulco à calçada ou em frente ao Samir
Ela busca toda noite algo pra se divertir
Mas não encontra, não...
Mas não encontra...

Desespera dessa espera por alguém pra lhe ouvir
Sente um frio na costela e uma ânsia de sumir
Transa modelito forte, comprimidos pra dormir
E não acorda mais...
E não acorda mais...

A mim e a mais ninguém
Sergio Bandeyra, Angela Ro Ro

Eu sei que tempo vai passar
E as coisas vão ficar
Porque acredito em mim
E o tempo passa a flutuar
E a chance de eu ficar
Depende só de mim

Começo uma nova história e aviso
Não vai ter lugar prá você onde sobra juízo

Todo amor que eu amei
No fundo eu dediquei
A mim e a mais ninguém
E vai ser tarde até demais
Prá quem ficou prá trás
Por não saber amar

Se gosta do medo não venha comigo
Não gosto de quem nunca corre perigo

Todo canto e pranto meu
E tudo que sou eu
Por certo vai vingar
Então você vai entender
Que o quanto eu quis sofrer
Valeu pelo tentar

Se gosta do medo não venha comigo
Não gosto de quem nunca corre perigo

Todo amor que eu amei
No fundo eu dediquei
A mim e a mais ninguém

A mim e a mais ninguém
A mim e a mais ninguém
A mim e a mais ninguém
A mim e a mais ninguém

Abre o coração
Angela Ro Ro

Que você sumiu, eu sei
Não preciso nem saber
Aonde você esconde sua imensa dor
Cá prá nós já era hora
De você ter ido embora
E acabar de vez com todo esse sofrer

Para de tomar, para de perder
Para de matar, para de morrer

Todo prejuízo feito
É um espelho de efeito
E você tem que mirar pra poder se ver
Se o espelho está quebrado
Quase tudo deu errado
Pelo menos vai tentar olhar você

Para de driblar, para de esconder
Para de medrar na hora de correr

No início é difícil
De se abandonar um vício
Mas ganhar é bem melhor que desistir
Se a covardia bate
Vai bem fundo, não desate
Esse nó no peito a natureza fez

Para de gelar, de se entorpecer
Para de secar o que quer escorrer

Como é bom fazer a festa
Ao invés de pela fresta
Ver a vida se esvaindo sem viver
Já comprei um camarote
Sem penetra sem calote
Vou sentar e assistir você me ver

Você vai suar, vai se derreter
Você vai lembrar do que quer esquecer

Se você aparecer
Só depois de se entender
Vou ficar feliz em finalmente ver
O inteiro do seu mundo
Seja chique ou vagabundo
Esse inteiro só pertence a você

Para de coçar, de se arrepender
Abre o coração, faz o sol nascer
Faz o sol nascer

Material produzido para a disciplina Paratextos Editoriais, oferecida por Gustavo Cerqueira Guimarães, na Faculdade de Letras da UFMG, no primeiro semestre de 2017.